



Ensaio Fotográfico

O Cemitério de Indústrias e a História que virou Turismo: Histórias de uma “Capital Sertaneja” em uma região de incentivos fiscais.

Felipe Fróes Couto, Lorena Fonseca Silva¹

Resumo

Ensaio fotográfico-informativo sobre a cidade de Montes Claros, Minas Gerais, seu processo de industrialização e os efeitos da recessão.

Palavras-chave: Desenvolvimento, História, Economia

El Cementerio de Indústrias y la Historia que ha virado Turismo: Historias de una “Capital Sertaneja” en una región de incentivos fiscales.

Resumen

Ensaio fotográfico-informativo acerca de la ciudad de Montes Claros, Minas Gerais, su proceso de industrialización y los efectos de la recesión.

Palabras-llave: Desarrollo, Historia, Economía

The Industries Cemetery and the history that turned Tourism: Stories from a "Capital Sertaneja" in a region of tax incentives

Summary

Photographic-informative essay on the city of Montes Claros, Minas Gerais, about the process of industrialization and the effects of the recession.

Keywords: Development, History, Economics

¹ Felipe Fróes Couto - Mestrando em Administração pela Universidade Federal de Minas Gerais – UFMG. Bacharel em Administração pela Universidade Estadual de Montes Claros – UNIMONTES. E-mail: felipe.froes@outlook.com

Lorena Fonseca Silva - Pós-Graduanda em Direito Constitucional Aplicado. Bacharel em Direito pela Universidade Estadual de Montes Claros – UNIMONTES. E-mail: lorena.fonseca@outlook.com

Por vezes, é difícil saber como somos influenciados por decisões políticas que moldaram o lugar em que estamos. A história das cidades, muitas vezes, está a nosso alcance, perto de nós. A urbanização e o progresso trazem consigo muitas facetas, que escondem aspectos que podem ser mais apreciados quando notados. Identificar os traços culturais de um lugar, compreender como influenciámos e somos influenciados pelo regionalismo e quais são as heranças culturais das gerações anteriores têm sido cada vez mais um exercício difícil.

O progresso econômico que criou um Cemitério de Indústrias.

Estudar a história da cidade ajuda a compreender a lógica cultural que envolve o espaço em que você se encontra. Apesar de ser um município bastante urbanizado, com aproximadamente 400 mil habitantes, Montes Claros, no Norte de Minas Gerais, tem uma traço local bastante sertanejo. Quem tem menos de 40 anos e não conhece a realidade da região do Norte de Minas não costuma entender o porquê dessa cultura. O contato que se tem com essa cultura ocorre nas feirinhas de artesanato, nas propagandas de televisão, nos festivais de produtos da terra, e em outras situações pontuais. Urbanização é a palavra do momento e grandes construções surgem a cada dia, modernizando a cidade.

Quando se lê sobre a história da cidade, descobrem-se fatos interessantes que sempre passaram despercebidos aos olhos. Está tudo lá, e muitos não sabem. Em resumo, a história da cidade é simples: a exploração da região começou com um rumor sobre esmeraldas, o que atiçou a curiosidade dos bandeirantes, que resolveram explorar a região. Antônio Gonçalves Figueira retornou incumbido da pacificação indígena e obteve 700 escravos como espólio de guerra. Fundou na cabeceira do Rio Verde a Fazenda Montes Claros. Nessa fazenda, foram construídas casas e currais e erigida uma pequena capela de Nossa Senhora, com uma grande cruz de madeira que simbolizava o domínio da religião católica no lugar.

A fazenda evoluiu, abrindo espaço para rotas comerciais e transações patrimoniais da fazenda, que depois evoluiu para Vila das Formigas e, em 1857, foi elevada à categoria de cidade, com o nome de Montes Claros. Do momento em que se tornou cidade, Montes Claros buscou se tornar uma cidade avançada em questão de infraestrutura, de desenvolvimento. O desenvolvimento, a industrialização e a urbanização foram postos como resposta à pobreza, ao atraso da região. Em 1926, a ferrovia centro-atlântica conectou o município ao sudeste, e começou uma onda de urbanização que tomou a cidade, trazendo o “tão sonhado” progresso.

Geograficamente posicionada no “Polígono das Secas”, a cidade experimentou na década de 1960 uma aceleração do crescimento econômico proveniente das políticas de

incentivos fiscais do Nordeste, que visavam integrar a região à acumulação capitalista do Centro-Sul. Com a criação da SUDENE, em 1959, a cidade se tornou região de incentivos, e diversas indústrias de integração se instalaram visando obter os benefícios fiscais. Acreditava-se que a cidade teria um papel-chave na retenção de migrações para o Centro-Sul, e que a industrialização era a única forma racional de abrir caminho para o desenvolvimento.



A base da economia regional, que era de agricultura e pecuária, foi pouco a pouco se modificando e a força de trabalho, da mesma forma, foi se direcionando às indústrias. As pequenas extensões de terra foram se concentrando em grandes propriedades, e uma grande massa trabalhadora urbana foi sendo criada. A maior parte das empresas instaladas era de integração e dependia da cadeia produtiva do Centro-Sul. Constituíam-se, em maioria, de empresas multinacionais que desejavam uma posição estratégica no mercado brasileiro, que não criavam centros econômicos autônomos, mas se aproveitavam de incentivos regionais para baratear algumas etapas de produção e facilitar a distribuição de produção para o país.

A partir da década de 1980, uma grande recessão tomou conta do país e resultou no fim dos financiamentos externos e a decretação da moratória em 1987. O resultado dessa recessão é que a região, que antes recebia incentivos para manutenção de atividades

econômicas dependentes, começou a perder investimentos e as empresas que antes movimentavam a economia fecharam as suas plantas industriais. O resultado disso foi que a região industrial da cidade, que antes movimentava grande progresso, ficou abandonada, criando um “cemitério” de indústrias e deixando o município em grande estagnação.

A região industrial da cidade era alimentada por mão de obra pouco especializada dos municípios mais carentes da região, que aceitava receber pouco em função da grande oferta de trabalhadores. Isso resultou em uma favelização ao redor do Distrito Industrial, o que era previsto como inevitável pelo planejamento urbano da Década de 1970. Das favelas é possível vislumbrar os arranjos industriais que subsistem em razão de incentivos federais.







Cultura e História na Urbanização: Bom para o Turismo.

A primeira igreja da cidade está em uma avenida central que liga bairros residenciais ao centro comercial. Está em uma praça central, rodeada de lojas por todos os lados. A cruz fica no meio do canteiro central de uma avenida, entre carros e ônibus que passam lá todos os dias. Muitos nem percebem que ali tem uma cruz. A igreja é tombada, mas mesmo assim já sofreu algumas “modernizações” para que fosse permitida a sua utilização. Algumas residências da vila foram restauradas e permanecem como pontos turísticos em festivais.

Basicamente, a história da cidade ficou adstrita a uma praça, que é o centro das atividades culturais em épocas específicas. A urbanização tomou os arredores do centro histórico, e a região é caracterizada pelo intenso comércio. Subsistem feiras semanais locais nessa vila, que são eventos culturais produzidos com incentivo da administração municipal.







O mercado da cidade, conhecido por ser ponto de comércio de produtos locais importante da cidade, é conhecido regionalmente por ser a expressão do comércio e da cultura sertaneja local, e pelos seus produtos regionais. Contudo, uma visita ao local demonstra que a lógica de produção local já foi profissionalizada. A maior parte do comércio é bem estruturada, com venda de produtos industrializados e vendedores preparados para atender clientes locais e turistas, no mesmo modelo de mercados de grandes cidades como Belo Horizonte e Recife. Não se encontra a figura do sertanejo, do pequeno produtor. “Isso não atrai turistas”. Ao investigar para onde foram os pequenos produtores rurais, fomos indicados a uma feirinha de domingo, em um bairro na periferia da cidade. A realidade que se encontra é bem distinta da que presenciamos antes. A lógica mais organizada de comércio prevalece na região central da cidade, garantindo uma dinâmica econômica mais intensa, enquanto outras formas de expressão local, mais genuínas, pouco a pouco foram deslocadas para a periferia.





Referências

BRAGA, Maria Ângela Figueiredo. Industrialização da área mineira da Sudene – um estudo de caso: Montes Claros: Unimontes, 2008.

BRASIL, Henrique de Oliva. História e Desenvolvimento de Montes Claros. Belo Horizonte:: Leme, 1983

FERREIRA, Luiz de Paula. Aspectos do desenvolvimento de Montes Claros. [S.l.]: [s. n.], [197-?]. 46 p.

MATA MACHADO, Bernardo Novais da. História do Sertão Noroeste de Minas Gerais. Belo Horizonte: Imprensa Oficial, 1991.

QUERINO, Augusto José. Montes Claros e o Norte de Minas na rede urbana do centro-sul Fábulas e metáforas do Desenvolvimento. Dissertação de mestrado da Universidade Estadual de Montes Claros – UNIMONTES. Programa de Pós-Graduação em Desenvolvimento Social, 2006.

SUDENE. GTDN. Uma política de desenvolvimento econômico para o nordeste. Recife, 1978.

VIANA, Urbino de Sousa. Montes Claros – breves apontamentos históricos, geográficos e descritivos. Belo Horizonte: [s.n.], 1916.